

C—T | Leituras

Textos inspiram reflexões. Livros motivam paixões. Palavras que como que sugerem uma biblioteca virtual para as estantes do C—T.

Mário Câmara Caeiro

TORRÃO ESVAZIADO

Uma leitura de *Ibéria Esvaziada*, de Carlos Taibo

LETRA LIVRE, 2022

A vantagem de termos sido expulsos do paraíso é que na terra todas as árvores são do conhecimento.

Anise Koltz [d'après tradução de Diogo Vaz Pinto, jornal i, 14.05.2024]

Nota prévia

Este texto começou por ser a recensão de um livro. A meio da leitura, no cruzar da perspetiva curatorial com o horizonte transdisciplinar, tornou-se pretexto para o autor confirmar em que medida a programação do C—T pode ressoar ideias que estão no cerne de um novo paradigma civilizacional e urbano. Para memória futura possam estas ideias e noções partilhadas – labor em progresso – funcionar como tópicos matriciais.

As intenções originais que a mentoria e a curadoria do C—T puseram em marcha no Torrão, em 2022, espelham as intuições, as análises e as propostas que Carlos Taibo explicita no livro *Ibéria Esvaziada* (Letra Livre, 2022) – rigoroso retrato da Ibéria esvaziada de que o Torrão faz parte. Claras, verdadeiras e revolucionárias, suas palavras funcionam como inspirador horizonte teórico-prático.

Perspetiva e posicionamento | Prólogo e Capítulo I

Há obviamente toda uma dimensão alicerçada no valor imaterial da felicidade que motivará o querer viver em sobriedade e, perante a deriva consumista, sob princípios de simplicidade voluntária, mas essa disposição encontra-se alicerçada em algo que antigamente fazia parte da nossa vida colectiva, algo que nos foi e continua a ser usurpado: os bens comuns.

Filipe Nunes

Com um subtítulo que é um tríptico de forte visualidade – *despovoamento, decrescimento, colapso* – o livro *Ibéria Esvaziada* é reflexão ancorada em factos e estatísticas que até aos nossos dias pouco foram consideradas na esfera pública. Abrindo um debate que tardava, exprime um pensamento estratégico que ajuda a compreender o contexto da ação do CONVENTO DA TERRA, seus horizontes teóricos, seus desígnios socioculturais, sua visão no território: **o Torrão como resiliente vila cooperativa.**

No prólogo da obra, que refere a ideia-chave de que os lugares têm memória, Filipe Nunes é claro: «o desafio a que [Taibo] nos convoca é precisamente o de questionar como queremos que seja a sociedade pós-colapso. E desafia-nos literalmente a lançar mãos à terra [...]». [p. 5]. Certo é: a ruralidade, que está exangue ou em coma, pode ser compreendida «consoante a visão e o modelo de gestão defendido». [p. 7] Interessa-nos aquela visão e aquele modelo que tornem a ruralidade mais coesa.

E disso tem o Torrão consciência; disso guarda o Torrão memória(s) que, em conversa com torranenses de maiores idades ou mais conscientes do devir da localidade se revelam doridas mensagens do passado. A «planura desbravada do latifúndio» [p. 12] tem testemunhado a estupidez, a ganância, a ignorância, a estreiteza de ideias, a impotência da comunidade. Tanto mais inadmissíveis porquanto quase destruindo a identidade de uma das mais regiões mais extraordinárias do mundo.

Ora, em que medida podem tais memórias, bem como os medos e os sonhos na sua órbita, inspirar o futuro? Um futuro mais sustentável? Este livro ajuda a tornar a pergunta um desafio. E é peça determinante na construção de um quadro mental, de uma atitude e de uma caixa de ferramentas teóricas e éticas para se repensar o modo de vida e de estar no território. De viver numa paisagem. De torná-la habitável. Mais rica em muitos sentidos, inclusive o mais linear. E sobretudo mais comum, no sentido mais nobre da palavra. Pois que o sol, quando nasce...

Em suma:

«Há que saber posicionar-nos. Como nos diz Taibo, «não se trata, ou não se trata necessariamente, de fazer reaparecer o passado comunal: trata-se de fortalecer a vida local no mundo rural, de recuperar os seus muitos e valiosos elementos de preservação de saberes ancestrais que respeitem o meio natural, de permitir uma distribuição racional da riqueza e de anular um sem-fim de fluxos autoritários». [p. 13]

No Torrão, estes princípios gerais podem ser aplicados com toda a naturalidade, com toda a legitimidade. Mais do que mero ponto abstrato no mapa, a Vila tem condições para resistir às políticas que são incapazes de respeitar e valorizar os tecidos humano e urbano do Lugar, seus mais fundamentais ativos. Muito menos de lhes dar vida e alegria.

Abandono. Esquecimento. Desprezo. Tais sentimentos têm marcado gerações de alentejanos. Quem fica, quem se queda, herda ausências, nomeadamente a de quem parte. Aqui e ali, quais nuvens otimistas, pairam segundo Taibo «fórmulas recicladas a que hoje se dá o nome de empreendedorismo e inovação I&D, entre outros novilinguajares [...] sem pessoas à vista». [p. 7] Entre estas duas realidades que matam e desprezam o humano e destroem ecossistemas, palavras como 'sustentabilidade' gritam portanto por significados mais completos; e o termo da 'resiliência' surge como a ferramenta para nos aprofegarmos a duas ideias-chave: a de Conservação – de um modo de vida e da natureza em volta, que nesse processo são reimaginados e reinventados); e a de uma Economia-pós-crescimento. A este compromisso com a gestão da Casa Terra Taibo aplica o termo «decrecimento».

Nesta perspetiva necessariamente holística, o Lugar ganha novos desafios onde havia apatia. Um território pode sim deixar de ser apenas pesorosamente imenso ou dramaticamente pacato para se tornar abundante. Especial. Único. Um aglomerado urbano pode deixar de ser deserto e ruína para se tornar valor e riqueza. A paisagem em torno uma pintura animada pela alma. A tristeza transmutar-se em alegria. A pertença em motivação.

Uma coisa é certa: o 'rural' é ao mesmo tempo recurso, meio de vida e a própria natureza. E não menos que dura realidade, é nos seus melhores dias ainda metáfora e mito. Ora, se no passado do interior de Portugal as práticas comunais foram ideias felizes, geradoras de identidades urbanas e rurais vivas, em que medida as tantas lutas pelo território rural e sua apropriação economicista destruíram os lugares alentejanos como o Torrão? Em que medida tantas vilas e aldeias perderam o norte? Vítimas de decisões vindas de longe, de capitais e Europas, de decisores que em seus gabinetes agiram no desconhecimento da identidade e dinâmicas territoriais.

Certos sinais na paisagem do Torrão são com efeito poderosas imagens do desvio de ancestrais saberes. De sua corrupção. Desses desvios temos todos consciência: do olival intensivo à violência de uma torre de telecomunicações em cima do casario sobranceiro à Igreja Matriz; da escassez de transportes a uma divisão territorial ilógica, senão absurda e certamente ultrapassada – pois que o Torrão não é 'litoral'.

Outros sinais são de miraculosa harmonia: o chegar ao Torrão pela N5, atravessando um longo portal de árvores, o pôr do sol da barragem, os bandos de andorinhas na Primavera, a comunidade que vinda de todo o mundo se apaixona pelos prazeres da neo-ruralidade. Outros ainda são desafios urbanos muito entusiasmantes: o restauro e a requalificação de edifícios e espaços públicos, a recuperação de saberes-fazer, certos regressos em curso. Entre estes dois extremos, que nos entram dia-a-dia pelos olhos adentro, como desenhar um amanhã mais sustentável?

O Torrão, em 2024, com menos de 2000 habitantes, vive estas perguntas, e todos os dramas e desafios no quotidiano que as motivam, com variadas emoções no rosto: indiferença, aceitação, descrença, desespero, raiva, despeito, bem como, pontualmente, empenho e crença, raça. E perante as primeiras ações do CONVENTO DA TERRA, iniciadas em Maio de 2023 – faz hoje um ano – sente muitas vezes, e ao mesmo tempo, curiosidade e carinho, desconfiança e medo, simpatia e confiança. Nesta riqueza paradoxal de um diálogo de novos agentes culturais com um tecido urbano a carecer de urgente restauro, tudo indica que chegou o momento de se evitar o que em muitos outros lugares está a acontecer: as casas tornarem-se mero cenário para a especulação e o turismo de massas, poiso para o romântico regresso ao campo, dormitório para indústrias que não tenham em conta o valor do humano.

CONVENTO DA TERRA é nome de paz para uma ação concertada de vários agentes de mudança – associação cultural, fundação [em constituição], parcerias estratégicas. O interesse despoletado pelo projeto em muitos torranenses que vão interagindo com artistas, arquitetos, urbanistas, músicos e investigadores, está a gerar, acreditamos, uma massa crítica que em sucessivos momentos informais de assembleia vai ajudando criadores e técnicos – não confundir com tecnocratas – que estão a ser envolvidos no que se vai

desenhando como um destino atrativo para pessoas que acreditam na bondade dos lugares – parafraseio a ideia de um Lugar Bom, que encontro em determinante texto de P. José Frazão Correia SJ, precisamente intitulado “Coordenadas para um lugar bem situado”. (Revista Brotéria, 2023). Em diagrama que abre e sintetiza o seu pensamento, sua leitura de um conjunto de palavras bíblicas, Frazão explicita quatro pontos cardeais: a *memória grata* em tensão criativa com o *investimento no futuro*; a «abertura ao que transcende» em tensão criativa com a «confissão do limite». Está tudo dito em termos do desafio que cabe a cada um de nós decifrar na sua relação com os bens comuns de um território.

Na prática quotidiana – *ao ritmo do Lugar* – a programação cultural do C—T procura cartografar estas problemáticas, levantar lebres, celebrar o que existe. Sua agenda propõe uma regular relação com a comunidade, e dessa relação brota um modelo de interação com quem chega de perto e de longe; um plano urbanístico vai assim dando seus primeiros sinais, e um conceito de turismo integrativo surge, visando tornar a experiência do ali viver e do por ali estar num encontro com a qualidade da vida, com a generosidade e tanto quanto possível o interesse público, comum e comunitário.

Hoje o Torrão, sonha talvez com a ideia de tornar-se de novo uma vila *maior*. Os termos em que isso possa acontecer não podem, no entanto, estar subjugados a ideias feitas. Só assim uma vila regressa – sonhando, experimentando, testando – ao seu futuro. E só assim o seu caráter de burgo autónomo – assim terá sido na Idade Média e no Renascimento – encontrará novas funções: o Torrão assim se vai tornando original *vila cooperativa*. Única no território nacional. Singular em todo o mundo.

Decrescimento | Capítulo II

O Decrescimento não nos interessa enquanto teoria ou ideologia. (p. 67) Interessa-nos como premissa fundamental e ferramenta teórico-prática para nos orientarmos rumo a um horizonte. É paradoxalmente uma ideia-motor, pois que permite reavaliar os ritmos que nos definem enquanto sociedade e rever padrões da civilização capitalista. Para Taibo – e aqui o autor afasta-se de outro movimento emergente, o do capitalismo ético –, tal implica implicarmo-nos, eu diria que como *terranenses* – gestores da Casa Planeta – em sistemas mais autogestionários, antipatriarcais e internacionalistas (p. 68). Porquê?

Porque o dito crescimento económico tem trazido *do pior*: desigualdade, desequilíbrio, agressões ambientais (p. 69) – um modo de vida escravo (Ibid.). A dieta alimentar deste sistema é miserável e isso tem a ver com o fenómeno do hiperconsumo. Ninguém está ou se sentirá bem nestas condições, independentemente de seu nível de vida; a não ser que aplique com critério princípios alternativos à economia convencional. Ora chegou o momento de os alterar e testar nos diferentes territórios, nas mais diversas paisagens e lugares.

Indústrias dramaticamente poluidoras estão hoje em causa como nunca, e nelas se inclua a própria publicidade, desregrada versão da retórica mais mentirosa. Curiosamente, a poluição visual em meio urbano pode ser deixada à porta dos aglomerados urbanos mais pequenos – assim estes saibam valorizar suas vistas, suas árvores, seus muros, quais

testemunhas de uma *urbanidade rural* de que se orgulhem. Na verdade, seguindo o mapa teórico de Taibo, vilas como o Torrão têm tudo para oferecer o melhor de uma *ruralidade urbana*. Ou seja, uma atmosfera que ao ser capaz de redimir seus duros traumas renova seus votos com a alegria de ser, de ter identidade. De nessa identidade renovada se tornar mais resiliente e sustentável. Até porque estes preciosos valores, estando presentes em vários sectores da população, mas ao mesmo tempo estando em risco, merecem ser celebrados como modo de ser.

Esta disponibilidade é fundamental resposta para o estado a que a coisa chegou, estado quase comatoso de que o despovoamento do lugar e o envelhecimento da população são preocupantes sinais. Ora, por outro lado, tem sido violenta a incongruência de inúmeras decisões políticas no território alentejano; e mais, no Alentejo esvaziado, o envolvimento (ou não) das instituições e organizações de referência é questão pouco debatida.

A interpretação no Lugar de uma estratégia de *conservação decrescente* é, portanto, obrigatória para que um lugar como o Torrão enfrente o colapso que inevitavelmente se aproxima – às escalas da região, do país e mesmo planetária. Daí que um conjunto de gestos – o primeiro foi a compra do Convento Nossa Senhora da Graça – e uma narrativa vera – com o *script* de vários episódios já claramente calendarizados – podem ser lidos como que uma *nevada de cor* num real exausto em que poucos são capazes de sonhar.

Crescendo a massa crítica local, o investimento com critério, a capacidade de atrair *boa gente*, a vivência quotidiana da arte e da cultura, define-se a base para uma resiliência que, porquanto perspetivada holisticamente, é ato de Conservação. Da terra e da Terra – pois que está tudo ligado.

Estratégia e propostas – quatro horizontes | Capítulo III

[...] quatro horizontes: o que deve ser preservado nessa Ibéria, o que é preciso recuperar, o que deve ser introduzido *ex novo* e o que deve ser rejeitado.

Carlos Taibo

Ponto prévio: os horizontes propostos por Carlos Taibo são inerentes ao C—T por via de um conjunto de plataformas que se complementam na abordagem holística do lugar:

- **CONVENTO DA TERRA** – conceito e projeto, uma ideia que se faz mensagem;
- **TARS** – associação cultural estimulando com sua programação a cidadania criativa;
- **DaST** – o compasso teórico cujos princípios dão origem a uma fundação focada na Vila;
- **TORRÃO-Lab** – laboratório de projetos urbanos de referência;
- **PCUT** – produção de documentos visando a regulamentação de questões específicas;
- **TORRÃO VILA CONVENTO** – gestão de destino turístico original.

Cada uma destas componentes é como uma roda dentada num mecanismo que permite lidar com as dimensões imateriais e materiais do território, em registos tanto *bottom-up* como *top down*, simultaneamente pedagógicos e terapêuticos (da acupunctura urbana à formação e educação), e sempre participativos, colaborativos e co-criativos. Em rigor, trata-se de gerar processos que celebram a sabedoria e as capacidades das pessoas mais velhas,

«e das que não são assim tão velhas» (Taibo, p. 96), bem como abrir perspectivas na idade escolar, processos que abrem espaço à criatividade aplicada e ao ato artístico.

É neste quadro que a programação TORRÃO. ARTE DE SER, com apoio do Ministério da Cultura/DGArtes, assegura projetos estruturantes que redimem a memória urbana em diversas dimensões, abrindo dossiês complexos e propondo experiências estéticas que vão reiterando inúmeras vertentes de uma mesma narrativa em aberto. Uma narrativa que com maior ou menor evidência chega a diferentes idades, públicos e agentes, motivando um plano determinante da atmosfera urbana local.

Nos termos de Taibo (p. 96), são medidas destinadas a «dar relevância» à população que constitui a comunidade. Na abundância social do local, resistem à uniformização alienante que, vinda da metrópole ou da Nuvem, invade a paz do lugar, acelerando patologicamente seu ritmo. Que esse *ritmo do lugar* possa ser no entanto fluido e dançável, porquanto mais harmonioso e equilibrado, e mais *ritmado*, esse desejo mais profundo inerente à visão e à curadoria do C—T.

Na Graça do tempo, ao ritmo do Lugar – a partir desta metaforologia operativa, que valoriza o processo, o naipe de metáforas postas em jogo brota da diversidade das intervenções concretas que um programa regular trans-, inter- e pluridisciplinar vai levando a cabo. Sempre monitorizando problemas e resultados, questões e objetivos. Lidando com ativos complexos e ao limite impalpáveis. Esse programa é possível na medida em que a articulação entre as referidas plataformas de ação – chancela, associação cultural, compasso teórico, laboratório, regulamentação e gestão – é um ato de fé. Porventura poético, senão místico. E na plena consciência de que cada plataforma terá de lidar realisticamente com condicionantes e prioridades, sempre em função do contexto.

Porque está em busca de seu próprio entendimento do espírito do lugar, do seu estilo, C—T assume os desígnios acima referidos com abertura e naturalidade. E nisso não se restringe a ideologias. Prefere a subtil transmutação do termo ‘dever’. O projeto aborda portanto os desafios de Taibo com um espírito sonhador, criativo, plástico, poético ou místico que complementa o saber técnico, científico e político em sentido estrito. E assim recupera o saber fazer ancestral. Isto pode fazer a diferença, pois gera uma experiência mágica. Sobretudo porque é nos campos das artes e da cultura, desde que assumidos transdisciplinarmente, englobando a dimensão estética, que *devemos* (na verdade, queremos, podemos) diferenciar-nos enquanto lugar projetado e tornarmo-nos mais resilientes.

Horizonte 1: o que deve ser preservado

Na visão de Taibo, o que deve ser preservado na Ibéria esvaziada é, prioritariamente, sua população mais velha. Esta é dotada de cultura rica que, devidamente redimida, constitui sabedoria para as novas gerações – precisamente porque ainda mantém traços de uma cultura decrescentista (p. 97). Taibo fala do que chama de abundância frugal (Ibid.) nestas vidas *com menos bens e mais relações*.

O C–T acrescenta a esta prioridade uma outra: levar com critério novas populações e comunidades ao Torrão: as comunidades artística, cultural, académica, turística (entre outras), geram encontros que por sua vez geram novas dimensões do lugar, intercultural- e intergeracionalmente. A capacidade de as fixar ou atrair regularmente para a Vila é determinante para tornar o Torrão palco para o empreendedorismo saudável e a inovação na esfera da filosofia *pós-growth*. Na verdade, porque cada ser humano convocado se sente parte deste horizonte em construção, seja por pouco ou muito tempo, ou para sempre, como não poucos torranenses. Valorizar a população mais velha passa assim por dignificar seu modo de vida num modelo de urbe coletivamente assumido.

E neste quadro, o que está implícito no título — o valor da re-união — é amplamente assumido, com a cultura e arte, a ciência e a economia, a espiritualidade, o urbanismo e o turismo assegurando em fascinantes sobreposições «uma relação renovada com a terra, vista como território e sobretudo como solo, como sustento da vida e como origem de toda a riqueza autêntica». (p. 99) Não vejo que a paixão anarquista de Taibo esteja aqui em contradição com o conceber quotidiano de um lugar onde qualquer ser em busca de Deus ali encontre Seu caminho (e/ou em busca de Si encontre o caminho de Deus).

A questão é, porém, psicologicamente exigente, pois a paz e o equilíbrio num mundo acelerado (Virilio) não são propriamente acessíveis para todos. E mesmo quando disponíveis, são valores facilmente desprezados, ou abusados. Se no Torrão ainda se respira, porém, algum *tempo*, uma questão-chave é valorizá-lo — para o proteger —, e reinventá-lo — para o blindar. Isto relaciona-se muito diretamente com o espaço físico e seu funcionamento, portanto, processos de restauro, requalificação e conservação. É na terra que o belo assim se atualiza (Chul-Han).

Horizonte 2: o que deve ser recuperado

No vasto território rural em torno da Vila, há muito por reconhecer e fazer, muito por assumir num paradigma mais comunitário. Na Vila, algumas ideias, tornando-se projetos interdisciplinares, poderão realizar-se. Na paisagem, à escala do imenso, há desafios mais e menos urgentes. Em primeiro momento, mais do que resolver-se a problemática relação com a água ou rejeitar-se a violência ecológica da agro-indústria, há um edificado claramente em crise. Vazios tristes devem ser tornados vazios úteis — usufruíveis. E tanto ruínas esquecidas como paredes abandonadas podem transmutar-se em novas valências urbanas, ou seja, em personagens de uma imagem urbana mais consciente de seu próprio valor e sentido.

Isto implica reconsiderar o Espaço Público e nisso repensar-se formas de propriedade coletiva tradicionais, pois que sem isso a coesão social não é plenamente assumida. E pressupõe que inúmeros espaços transicionais se tornem mais amigáveis.

Horizonte 3: o que deve ser introduzido

Taibo fala de um uso mais racional da energia, de reordenamento de território — área em que o sistema de transportes é vital —, e desenvolvimento de novidades no âmbito da economia convencional (p.109). A comunidade criativa de uma freguesia como a do Torrão

não será capaz de operar a este nível com total autonomia. Mas pode começar a gerar uma massa crítica consistente, movimentos, sensibilidades, e neste quadro as artes e as chamadas indústrias culturais podem ser fator de diferenciação – desde logo comunicacional – em casos de estudo a várias escalas. A intervenção cívica e a cidadania criativa podem ser estimuladas, muito para além das ‘gavetas’ institucionais e claro, não deixando de considerar o que institucionalmente é admitido ou até imposto. E por aí pode tornar-se o Torrão ponto de encontro para dinâmicas académicas que aí podem dar e receber conhecimento.

Graças à sua população urbana e densidade populacional, o Torrão tem para estes desafios... o tamanho certo (p. 116). Isto pode inspirar e enquadrar as mais diversas propostas que por via de modestos recursos resgatam o melhor do lugar. Exemplos: a criação e gestão de um *shuttle* entre as vilas e aldeias próximas ou uma provocadora ação de comunicação cultural que reinvente na prática os limites da autarquia; um hub co-criativo no CERRADO com *concept-stores pop-up* ou uma rede de oficinas continuamente em reformulação, onde o Craft se torne capacitação comunitária... Ou seja, o modelo de estruturação do labor no C—T, em constante atualização, permite testar-se uma estrutura já sólida e monitorizar-se as mais diversas ‘coisas’ a serem introduzidas. Isso manterá o destino continuamente vivo e foco de atenção para inúmeros públicos-alvo.

Conforme o que for introduzido, Torrão torna-se atrativo ponto no mapa. O que vai sendo introduzindo pode ter diversas agendas – uma delas, essencial, é a de estabelecer laços com os concelhos, vilas e aldeias ‘vizinhos’. Neste quadro, uma proposta como a dos *comunais digitais* (p. 118) pode não ser prioridade; mas uma rede de hortas coletivas pode ser determinante para uma dieta mais saudável e tornar o Torrão um sítio onde se tende a ir com maior regularidade. O jogo destas prioridades ao longo do ano ou de ciclos de programação será por sua vez o que garante ao projeto um *buzz* mediático progressivamente consistente. Certamente que isso atrairá um turismo responsável e relações humanas e sociais que nenhum meio de comunicação será capaz de reduzir a produto. Ou seja, não se quer introduzir nada que possa confundir-se com o ‘estar-se na moda’. Ao mesmo tempo, o que é introduzido é resposta a tendências, inclusive as ditas pesadas na linguagem do marketing e do empreendedorismo.

Ora tudo isto é possível e viável porque o conceito espacial que foi *introduzido* no Torrão pelo C—T foi o de uma rede de espaços – AQUI, ALI, ACOLÁ, CERRADO, ALÉM... E assim se definiu o dinâmico circuito para uma urbe que assim se revela nova protagonista numa região natural que, embora ciente de seu potencial, tarda em experimentar a alegria de o ver ativado. No Alentejo esvaziado nasce o conceito Torrão Vila Convento.

C—T luta portanto por criar situações, dispositivos e interfaces em circuitos relacionais mais longos e que vão gerando um sentido profundo de engajamento no tecido social. Assim enriquece o tecido urbano e rural existente – já de si abundante (Bataille) – com experiências e atmosferas. Estas trazem negócios – no sentido mais nobre do termo (a negação criativa do ócio). Uma nova comunidade – integrando o local, o global, o glocal, o quotidiano e o virtual – ativa por esta via o conceito de projeto urbano. Um Vila torna-se ‘carrinho de linhas’ que, a partir da sua irrelevância (Agamben) atual, gera uma dinâmica intermunicipal original e um fluxo de interesse internacional.

Horizonte 4: o que deve ser rejeitado

Aqui não nos estenderemos. Porém, algumas notas: algo que é precioso no Torrão é a morfologia e a memória urbanas, de que o Convento da Graça é certamente marco; por outro lado, são preciosas suas gentes de bem – Amigos (com letra grande) que para Taibo são os heróis do «apoio mútuo» (p. 145); e são valiosas sua história e tradições, bem como a paz e o silêncio que ainda é possível apreciar... Ora tudo o que possa perturbar o estado de saúde necessário para se recuperar de anos de esquecimento e descúria, tem de ser liminarmente rejeitado. E que existam alternativas imediatas a essas ‘tentativas’.

O projeto estudará, portanto, alternativas à agro-indústria, ao turismo de massas, bem como à escassez, seja de transportes, seja de vida cultural. Na senda de um modelo económico *neo-rural*, certamente mais igualitário que a realidade atual, caberá a assembleias comunitárias identificar ataques à identidade e ao futuro do Torrão enquanto biorregião, à sua capacidade para recuperar, preservar e criar a felicidade e o bem-estar que precisamente são de todos porque movidos pela autocontenção, a sobriedade e a simplicidade (p. 140). Em todas as dimensões da Vida.

Conclusão

Disse acima: «Este texto começou por ser a recensão de um livro.» Assim foi com efeito, sobretudo até ao Capítulo II. Depois, ao longo da leitura, à medida que problemas e questões, assim como anseios e sonhos iam sendo desfiados, confirmei que todos os projetos do C—T em curso ou alinhavados já estavam e estão no caminho certo.

Seja no âmbito do eixo programático TORRÃO. ARTE DE SER ou nos primeiros ensaios da aplicação no lugar Torrão dos princípios DaST, um conceito – o de uma vila *curada* – ganhou forma. Já é incontornável. Já está apropriado por boa parte da população. Na Ibéria Esvaziada, o Torrão está mais no mapa do que há um ano atrás.

Com nobres pergaminhos históricos, mas também lidando com comprometedores desafios, o Torrão e seu território ganham neste quadro novas dimensões no seu modo de vida:

- paulatinamente, desde maio de 2023, tem-se vindo a tornar uma espécie de **Capital do Vazio** graças à consistência da programação artístico-cultural que promove e acolhe;
- em breve, há-de assumir-se como **laboratório urbano** e **estratégia de urbanismo integrativo** capaz de aplicar na Vila os valores de um Amanhã Sustentável;
- e posiciona-se finalmente como inédito **destino turístico**, definitivamente como um Bom Lugar.

A liberdade da necessidade está a passar por aqui.